

Volume

2

ISSN 0104-6551

Série Documental

RELATOS DE PESQUISA

2ª Edição

6

Ação Cultural e Educacional da Biblioteca
no Âmbito da Escola de 1º Grau

7

Metodologia da Alfabetização de Adultos:
um balanço da produção do conhecimento

8

O Visitante Inoportuno: o estudo da escola
num grupo tribal

9

Do Discurso da Greve à Ação do Nepe:
uma forma diferente de fazer/conceber
a universidade

10

Efeitos da Simulação Computadorizada
no Ensino da Atividade de Visita Domiciliar

11

A Prática Cotidiana dos Profissionais
da Educação em Escolas Públicas: a difícil
relação teoria-prática

12

Municipalização do Ensino: discurso oficial
e condições concretas de implantação

13

Avaliação das Experiências de Educação
de Jovens/Adultos de Santa Catarina

14

O Perfil Sociocultural de Alguns
Trabalhadores do Ensino de 2º Grau
Mediante seu Cotidiano

15

Descentralização, Política Municipal
de Educação e Participação no Município
de São Paulo

16

A Realidade da Preparação para o Trabalho
na 2ª Região Escolar São Leopoldo (RS)

17

Qualidade de Ensino:
velho tema, novo enfoque

INEP

188888888888
388888888888

Ação Cultural e Educacional da Biblioteca no Âmbito da Escola de 1º Grau*

Antonia Terezinha Marcantonio (Coordenadora)
Martha Maria dos Santos
Margarete Barros Maia Pires

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo principal favorecer o contato dos alunos de 1º grau com o livro, por meio de um trabalho cooperativo e dinâmico entre professores das escolas da rede municipal de ensino de 1º grau de Ribeirão Preto e os bibliotecários das Instituições de Ensino Superior (IES). Após termos levantado a realidade dessas escolas, no que se refere à dinamização do livro, elaboramos um plano de ação para fazê-lo chegar a elas, e, com a participação do professor, organizamos um acervo à disposição do aluno. Estruturamos o serviço de caixas-estantes, considerado um recurso viável que permite a utilização do acervo de livros entre as unidades de ensino, num sistema de rodízio, e uma medida alternativa para suprir a falta de biblioteca na escola. As caixas-estantes são confeccionadas em madeira, com duas prateleiras internas, sustentadas sobre rodas e moldadas de acordo com as necessidades de cada série. Ela permite a circulação de, aproximadamente, quatrocentos livros entre as diversas classes, nas diferentes séries de cada unidade de ensino, constituindo-se uma microbiblioteca circulante, localizada nos mais variados espaços da escola e com o mínimo de despesa. Os resultados apurados nos revelaram que o professor é o grande responsável pelo incentivo da leitura junto aos seus alunos, mas a sua atuação inexpressiva e o distanciamento do bibliotecário contribuem para afastar o aluno do livro. A caixa-estante poderá ser um recurso viável capaz de aumentar o espaço de leitura na escola. Porém, para sua efetivação, há de se adequarem as posições renovadoras com as posições tradicionais, o que só se conseguirá ao longo do tempo e com o

engajamento progressivo da instituição e dos professores.

INTRODUÇÃO

Sendo a leitura uma atividade iniciada na escola, torna-se fundamental que ela crie condições para que esta prática seja efetivada.

A escola pode contribuir para a formação do hábito da leitura quando faz constar do seu planejamento curricular programações pertinentes que venham atender às necessidades do processo ensino-aprendizagem.

A educação contínua, na sua mais variada forma, deve ser praticada pelo professor e subsidiada pela biblioteca, e muitas atividades e programas de leitura poderão ser planejados conjuntamente com os professores, visando à fixação do hábito da leitura, um dos mais importantes objetivos da educação. Se o ambiente escolar deve oferecer oportunidades de leitura, torna-se indispensável que nos preocupemos com o acesso do educando aos livros. Observando a carência de livros que ocorre no contexto escolar e refletindo sobre a atuação do bibliotecário e do professor, no que se refere à dinamização do livro na escola, elaboramos esta pesquisa e a estruturamos em duas fases.

Na primeira fase, identificamos o universo das escolas da rede municipal de ensino de 1º grau de Ribeirão Preto (Tabelas 1 e 2), mediante visitas e reuniões periódicas com os diretores e professores de cada uma delas, e verificamos as condições que elas oferecem para dinamizar a leitura; na segunda, elaboramos uma pesquisa-ação e, através de um trabalho interativo entre

* Publicado originalmente na Série Documental/Relatos de Pesquisa, n. 6, setembro de 1993, como artigo-síntese, exigência do convênio de financiamento de pesquisa nº 58/89, firmado entre o Inep e a Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), cuja conclusão deu-se em janeiro de 1992.

Tabela 1 – Demonstrativo das Unidades de Ensino – Número de Classes

SÉRIES	1ª			2ª			3ª			4ª			5ª			6ª			7ª			8ª			Total						
	M	T	N	M	T	N	M	T	N	M	T	N	M	T	N	M	T	N	M	T	N	M	T	N		M	T	N			
	Tot.			Tot.			Tot.			Tot.			Tot.			Tot.			Tot.			Tot.				Tot.					
EMPG.PROF. RAUL MACHADO	2	1	-	3	1	1	-	2	1	1	-	2	1	1	-	2	1	-	2	1	-	2	1	-	1	1	-	1	1	14	
EMPG. ALPHEU CASPARINI	5	2	-	7	4	1	-	5	3	2	-	5	2	2	-	4	-	-	2	1	-	3	-	-	1	2	-	2	3	31	
CEMEI DR JOÃO G. SAMPAIO	4	-	-	4	3	-	-	3	-	4	-	4	3	3	-	6	3	-	6	1	-	6	1	-	2	1	-	2	1	29	
EMPG P. NEUSA M. MARZOLA	3	2	-	5	3	1	-	4	2	1	-	3	2	1	-	3	-	-	1	4	-	5	-	-	4	4	-	1	2	30	
EMPG P. ANÍSIO TEIXEIRA	2	3	-	5	2	2	-	4	1	2	-	3	2	1	-	3	2	1	1	4	1	1	1	1	1	3	1	-	1	26	
EMPSG D. LUIS A. MOUSINHO	4	4	-	8	4	4	-	4	3	4	-	7	3	4	-	7	4	4	1	9	2	2	1	7	2	1	5	2	1	55	
TOTAL DE CLASSES	20	12	-	32	17	9	-	8	10	14	-	24	13	12	-	25	10	12	7	29	5	6	9	20	4	4	7	15	4	14	185
MANHÃ	20			17				26	10			13				10			5			4			4			4		83	
TARDE		12			9				14			12				12			6			6			4			4		73	
NOITE																			7			9			7			6		29	

Fonte: Unidade de ensino de 1º grau da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto.

Tabela 2 – Demonstrativo das Unidades de Ensino

SÉRIE/ESCOLA	NÚMERO DE ALUNOS POR SÉRIE								Total
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	
EMPG P. RAUL MACHADO	77	67	66	66	63	40	33	25	437
EMPG ALPHEU GASPARINI	272	173	174	157	136	116	78	72	1178
CEMEI DR. JOÃO G. SAMPAIO	137	121	157	108	105	45	33	17	723
EMPG P. NEUSA M. MARZOLA	186	139	110	113	176	128	102	78	1032
EMPG P. ANÍSIO TEIXEIRA	137	112	92	89	139	106	83	52	810
EMPSG DR. LUIS A. MOUSINHO	300	280	265	252	271	180	146	116	1810
TOTAL DE ALUNOS	1109	892	864	785	890	615	475	360	5990

Fonte: Unidade de ensino de 1º grau da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto.

professor e bibliotecário, passamos a agilizar um serviço de caixa-estante e, assim, dar à leitura o lugar que lhe cabe no contexto educacional.

JUSTIFICATIVA

A realidade nos revela que a escola de 1º grau é uma instituição carente de estruturas voltadas para a dinamização do livro.

Acreditamos que é nos primeiros níveis de ensino que se concentra maior preocupação com a formação de atitudes, hábitos, preferências e habilidades; sendo assim, é preciso que haja uma retomada de consciência por parte dos professores e bibliotecários, para que, unidos no propósito de dinamizar o livro na escola, possam realizar trabalhos integrados, com o propósito de que a escola, gradativamente, sane o problema do acesso ao livro e da sua fruição.

OBJETIVOS

- 1) Favorecer o contato direto dos alunos de 1º grau com o livro.
- 2) Estruturar um trabalho cooperativo entre o professor e o bibliotecário para promover o livro na escola.
- 3) Montar um serviço que tenha como metas prioritárias o universo da criança, seus interesses e habilidades.
- 4) Integrar a biblioteca no planejamento curricular, visando ao enriquecimento das situações de ensino-aprendizagem.

METAS

- 1) Levantamento do acervo das bibliotecas em termos qualitativos, quantitativos e organizacionais.
- 2) Adequação do espaço físico, tendo em vista a estrutura da escola (número de alunos, professores, classes por período).
- 3) Diagnóstico do uso da biblioteca pelos professores e alunos.
- 4) Debate sobre os mecanismos de dinamização dos recursos existentes e atualização

destes (IES e escola de 1º grau), respeitando sempre o posicionamento do professor, elemento primordial do processo educativo.

5) Implantação do uso da biblioteca pelos professores e alunos.

6) Sugestão da utilização de caixas-estantes como viabilização do uso dos acervos pelas diferentes unidades de ensino, sendo que as mesmas deverão ser montadas de acordo com as necessidades estabelecidas nos conteúdos programáticos, definidos pelos professores, e ajustadas à realidade ao longo do processo.

RESULTADOS FINAIS

Os dados apurados nos revelaram que as unidades de ensino não possuem espaço físico adequado e condizente para o funcionamento de uma biblioteca; os livros são guardados em espaços conforme a disponibilidade de cada escola; é desatualizado e seu processamento técnico (classificação e catalogação) fica a cargo de pessoas não qualificadas para o trabalho. Quanto à dinâmica do uso do acervo, pudemos observar que esta tarefa recai sobre o professor da disciplina de Língua Portuguesa. Para obtermos diretrizes de ação capazes de minimizar os problemas que circundam o processo de leitura na escola de 1º grau, fez-se necessária a realização de vários encontros entre pesquisadores e pessoal envolvido na situação (direção e professores das escolas).

Após várias reuniões, tivemos a oportunidade de sugerir a implantação da caixa-estante (Figuras 1 e 2) como um recurso viável que permitiria a utilização do acervo pelas diferentes unidades de ensino num sistema de rodízio.

Justifica-se a aplicação da caixa-estante em sistema de rodízio por ser uma dinâmica que requer baixo custo operacional, pois elimina a necessidade de pessoal especializado, e oferece respaldo informacional básico diante da realidade de cada escola, suprimindo as necessidades do ensino de 1º grau quanto ao uso de biblioteca.

Para a montagem e operacionalização das caixas-estantes, fez-se necessário observar, em cada escola, o número de alunos e de salas

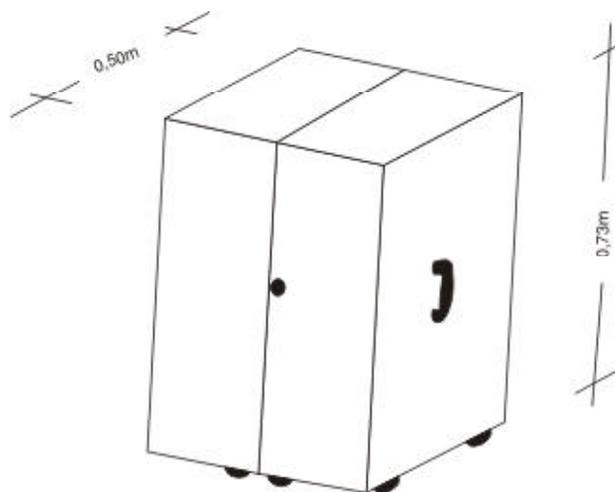


Figura 1 – Caixa-estante fechada

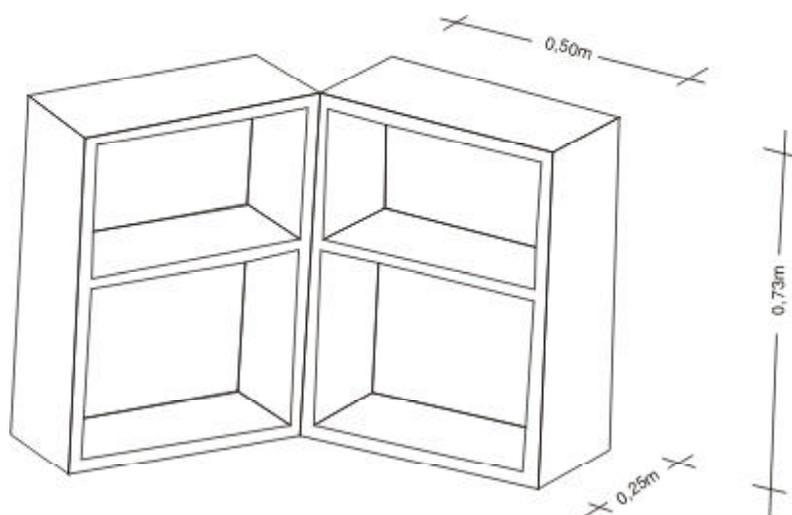


Figura 2 – Caixa-estante aberta

ocupadas por série e em cada período, bem como a existência ou não da biblioteca.

Essas informações foram obtidas na fase de identificação das unidades de ensino e, com o acervo das caixas já organizados, passamos para a sua operacionalização.

Mediante consenso, os professores representantes das escolas procederam ao sorteio de uma unidade de ensino que, funcionando como escola-piloto, iniciaria o processo de rodízio da caixa-estante. A unidade eleita foi a Escola Municipal Dom Luís do Amaral Mousinho.

Quanto à utilização do acervo pelas demais escolas integrantes do sistema, o procedimento

deverá ser o mesmo, ou seja, as unidades serão eleitas mediante sorteio. Sendo assim, o serviço deverá ser implantado no início do ano letivo, e o acervo, atualizado, conforme a proposta das escolas.

Convém esclarecer que se trata de um trabalho dinâmico e contínuo, cuja maior preocupação é inserir a biblioteca no planejamento curricular. Dessa forma, permaneceremos ligadas a toda e qualquer situação que envolver a continuidade do trabalho, onde, a cada ano letivo, a biblioteca se fará presente por ocasião do planejamento de cada escola.

Para darmos início à instalação da caixa-estante na escola-piloto, fez-se necessário

divulgarmos, para todo o corpo docente, algumas informações referentes ao processo, que culminou no sorteio, bem como à montagem, organização e implantação desse serviço.

Considerando que a pesquisa-ação é resultante de uma interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada, não apresentamos nenhuma proposta para a dinamização de tal sistema.

O caráter não-impositivo da proposta objetivou conquistar, gradualmente, o interesse dos professores em usar as caixas-estantes.

No entanto, observamos que apenas no início eles se mostraram entusiasmados e interessados, não acontecendo o mesmo por ocasião do uso efetivo do sistema.

Foi durante as primeiras reuniões que os professores sugeriram o desenvolvimento da “Hora do Conto” como uma atividade paralela. Entretanto, na fase de avaliação do sistema implantado foi notória a posição de alguns deles em responsabilizar o professor da disciplina de Língua Portuguesa pela atividade de leitura; não menos patente foi a sua posição quanto ao cumprimento dos conteúdos programáticos, que, segundo eles, nem sempre permitem a utilização de atividades paralelas, além de complementarem que a leitura das obras não viria reforçar os objetivos programáticos das disciplinas específicas.

Embora tenhamos detectado que o envolvimento dos professores com o sistema tivesse acontecido em menor intensidade entre aqueles que lecionam as disciplinas específicas, ficou evidente a sua responsabilidade de incentivar a leitura junto aos seus alunos, independentemente da área em que atua.

Pudemos observar que o não-envolvimento do professor com as caixas acarretou uma posição de desagrado junto àqueles alunos que não tiveram a oportunidade de conviver diretamente com os livros. Por exemplo, foi notória a postura daquele aluno que “descobriu” as caixas através de uma outra situação e não pelo seu professor.

Convém lembrar que as atividades paralelas (Hora do Conto), o uso das caixas no pátio e o convívio com os colegas permitiram às

crianças a descoberta do sistema, embora o seu relacionamento com o livro tenha se mantido distante. Sendo assim, o aluno, dando vazão à sua curiosidade, passou a cobrar dos professores mais tradicionais o uso efetivo dos livros, ou seja, “pegar para ler”, “levar para casa”.

Tão importante quanto o papel do professor é o papel do bibliotecário como co-educador e agente social, que, ponderando os poucos recursos de que a escola dispõe para que a leitura seja aí promovida, poderá utilizar-se de subsídios que auxiliem o professor no incentivo à leitura.

Porque a escola não tem livros, o professor não está habituado a inserir a leitura em sua programação anual, e a ausência do bibliotecário contribui para distanciar cada vez mais a criança desta atividade.

Salientamos que o uso da caixa-estante como um recurso que vem diminuir a “economia de leitura na escola” se constitui uma estratégia viável e capaz de aumentar o espaço de leitura na escola. Porém, para sua efetivação, há de se adequarem as posições renovadoras com as posições tradicionais, o que só se conseguirá ao longo do tempo, com o engajamento progressivo à proposta de dinamizar a leitura de acordo com a necessidade da criança.

Na área educacional, a pesquisa-ação é de difícil aplicação; acredita-se que isto é devido à resistência institucional e aos hábitos dos professores. No entanto, nota-se uma crescente disponibilidade por parte de profissionais da área e da própria instituição, pois a pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema educacional na busca de soluções para seus problemas, propiciando planejamento e criação para alcançar determinados objetivos, produzir certos efeitos com critérios aceitos pelo grupo participante e com uma dimensão conscientizadora.

A investigação associada ao processo de reconstrução da biblioteca escolar mediante a utilização da caixa-estante possibilitou uma reciclagem das idéias levadas em consideração nas próprias situações investigadas, em particular entre os professores e a direção e na relação professor/aluno e leitura. Esses passos iniciais podem contribuir para promover aplicações criativas na difusão de conhecimentos mediante a dinâmica da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Madalena de Cássia Ciari de. Algumas considerações sobre "leitura". In: ENCONTRO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2.; ENCONTRO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 4., 1976, Santo André. *Anais...* [S.l.: s.n., 1976?]. Mimeografado.
- BACK, Maria Helena de Carlos (Coord.). Interesses e estímulos na leitura dos estudantes de 1º e 2º graus e condições de funcionamento de bibliotecas escolares em Florianópolis. *Boletim ACB*, Florianópolis, v. 1, n. 3/4, p. 9-27, jul./dez. 1981.
- BARBOSA, Marilene Lobo Abreu et al. Os novos meios de comunicação de massa e a função sócio-cultural da biblioteca. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4. *Anais...* São Paulo: Febab, 1978. v. 1, p. 343-366.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUENO, Nancy. A biblioteca escolar e a formação do hábito de leitura: uma experiência. In: ENCONTRO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2.; ENCONTRO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 4., 1976, Santo André. *Anais...* [S.l.: s.n., 1976?]. Mimeografado.
- CARVALHO, Alzira Eeko F. de; FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Projeto de pesquisa sobre bibliotecas escolares no município de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9.; JORNADA SULRIOGRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 1977. v. 1, p. 296-309.
- CARVALHO, Carmem Pinheiro de. A biblioteca e os estudantes. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-211, set. 1972.
- CERDEIRA, Theolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 1977.
- CHARATZ, Janeta Zaidman. Guia para serviço de caixas-estantes. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4. *Anais...* São Paulo: Febab, 1978. v. 2, p. 114-146.
- CRUZ, Márcia. Livre acesso à leitura: uma nova política de oportunidades de leitura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 177-184, jul./dez. 1979.
- FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-15, jan./jun. 1978.
- _____. Utilização da biblioteca. In: CONGRESSO DE LEITURA, 1.; CONFERÊNCIA PARA BIBLIOTECÁRIOS, 1. *Resumos...* Campinas: [s.n.], 1979. p. 40-41.
- GOMES, Sonia de Conti. Informações para a comunidade estudantil de 1º e 2º graus na biblioteca pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 242-262, set. 1978.
- KREMER, Jeannette M. Carro-biblioteca da escola de Biblioteconomia da UFMG: uma análise da demanda de material de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 1980. v. 1, p. 190-205.
- LEME, Roseli Teresa Silva (Coord.). A biblioteca infanto-juvenil como alicerce do futuro usuário das bibliotecas públicas e universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 1980. v. 3, p. 95-115.
- LEMOS, Antonio Briquet. "Não leio, não imagino, trabalho muito". In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4. *Anais...* São Paulo: Febab, 1978. v. 2, p. 5-21.
- LIMA, Etelvina. A criança e a biblioteca. *Cultura*, Brasília, v. 9, n. 32, p. 57-64, abr./set. 1979.

- MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Estudo sobre a leitura recreativa na escola municipal de 1º grau de Belo Horizonte. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 193-207, set. 1981.
- MELO, José Marques de. A batalha pela democratização da leitura. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 76, n. 9, p. 20-31, nov. 1982.
- _____. *Comunicação e libertação*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 68-80: Presença do jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania.
- _____. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. *Anais...* João Pessoa, 1982. v. 2, p. 239-280.
- MORET, Dina Maria Bueno et al. Gieb: uma experiência de integração escola-biblioteca (Grupo de Integração Escola Biblioteca). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 685-691, jul./dez. 1977.
- OLIVEIRA, Tereza da Silva Freitas. A biblioteca escolar no regimento comum das escolas de 1º e 2º graus do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 231-238, jul./dez. 1979.
- PINTO, Antonia Terezinha Marcantonio. *Promovendo a leitura na escola: um trabalho de intervenção em Biblioteconomia*. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e seu papel na formação de hábitos de leitura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 60-72, mar. 1973.
- QUEIROZ, Raimunda Augusta de. A biblioteca escolar e o seu papel no sistema educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11. *Anais...* João Pessoa: [s.n.], 1982. p. 82-84.
- RIBEIRO, Francisco Aurélio. A formação de literatura infantil e juvenil na escola. *Revista Cultura da UFES*, Vitória, n. 27, p. 75-80, 1984.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- _____. Teoria e prática de leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário. *Palavra-Chave*, São Paulo, n. 3, p. 13-19, out. 1983.
- SILVA, Kátia Maria de Carvalho. Serviço de extensão em biblioteca pública através de carros-biblioteca: implantação de um programa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 1979. v. 3, p. 1141-1149.
- SILVA, Liliam Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Campinas, 1984. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- TESCHE, Líia Gressler et al. *Caixas-estantes: um serviço especial em biblioteca escolar*. Porto Alegre: Colégio Anchieta, 1983.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- _____. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 2. ed. São Paulo: Poles, 1981.
- VIEIRA, Cila Milano. A biblioteca no processo de desenvolvimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 1979. v. 1, p. 287-296.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.